Anno 3.º — DOMINGO 17 DE JULHO DE 1910 — N.º 30

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

NOTAS LIGEIRAS

PELA AFRICA

Portugal continúa a caminhar para a gloria, na dura mas honrosa missão de civilisar o preto a... tiro.

Proclama-o aos quatro ventos o seguinte telegramma enviado ao governo geral de Moçambique:

«Columna meu commando chegou a Celege (Farelay), no dia 15. Como os chefes principaes de Nanarame e outros se não tivessem apresentado, mandei intimar Nanarame a apresentar-se, sendo recebidas as minhas tropas a tiro. Terras Nanarame Garija raziadas. Chefes tiveram cerca de 100 baixas e dois prisioneiros das nossas tropas, um cipal ferido, dois envenenados nas aguas do Nanarame. Fica montado o posto em Celege e vou seguir occupação para a frente. Tropas muito bem dispostas.—(a) *Governador.*»

GLORIA ÁS CARRADAS

Annunciam os jornaes, cheios de enthusiasmo patriotico, um combate entre portuguezes e chinezes, ficando os primeiros vencedores. Valha-nos, ao menos, isto, como compensação de tantas miserias que temos de fronterias a dentro. Triste compensação, é certo, salvo a opinião em contrario dos inflammados patriotas.

REGOSIJO .. MINISTERIAL

Despertou o maior enthusiasmo no... Terreiro do Paço os feitos heroicos das nossas armas em Macau.

O sr. presidente do conselho apressou-se a manifestar todo o contentamento... governamental no seguinte telegramma, dirigido ao governador d'aquella colonia:

«Pelo governo apresento a v. ex.ª calorosas felicitações e peço as transmitta ás forças de terra e mar como reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao paiz e á civilisação.»

A OBRA FRANQUISTA

Foi condemnado em cinco mezes de prisão correccional o sr. França Borges, director do *Mundo*.

Este facto despertou grande alarido da parte da imprensa. O ex-dictador Franco mais uma vez foi excommungado e a sua obra, amaldiçoada.

Soceguem os jornalistas. O sr. Teixeira de Sousa prepara-se para fazer o que os srs. Ferreira do Amaral, Campos Henriques, Wenceslau de Lima, Veiga Beirão não conseguiram, porque não quizeram ou não souberam: deitar a terra a obra franquista.

Para outra coisa mesmo não conseguiu elle a dissolução das côrtes nem d'outro modo se explicaria o sacrificio de servir-se da lei eleitoral em vigor...

SECÇÃO LITTERARIA

De tarde

Naquelle «pic-nic» de burguezas,
Houve uma coisa simplesmente bella,
E que, sem ter historia nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos
Nós acampámos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sahir da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

Cesario Verde.

A alegria meridional

—

No apogeu da sua gloria alegre, desde o Carnaval á Paschoa, Nice, a cidade do sol, merece muito mais o nome de capital do Prazer que a cidade-luz, que de longe a inveja como uma rival encatarroada, friorentamente encolhida na sua pelliça, sob a neve e a chuva.

Borborinhante, alacre, sonora, vestida de claro, sob as abas immensas dos chapeus de palha, a multidão elegante vae, vem, cruza-se, ri, namora, palra em todas as linguas, emborca *boks* e absintos pelas terrasses dos cafés do Boulevard, onde os tziganos fardados de escarlate entremeiam a valsa da «Viuva Alegre» com a da «Bohemia»; preguiça pela praça Massena, sob as arcadas á italiana; sinua pelas aleas do jardim, invade os music-halls e o Palais da Jetée, tentando a sorte aos *petits-cheveaux*, alastra pela *Promenade des Anglais*. que ergue vaidosamente ao longo da bahia dos Anjos a interminavel fileira dos hoteis internacionaes; e povoa toda a *Corniche* em automoveis vertiginosos e aboiantes —como uma legião de invasores impetuosos que a avidez do prazer atira em cachões espumantes de rendas, de sedas, de plumas contra essa cidadella do Azar, que é o casino sumptuoso e vulgar de Monte-Carlo.

Só Roma, Alexandria, Bysancio, as grandes cidades cosmopolitas do velho mundo podiam dar ao observador apaixonado de vida esta sensação condensada da mistura palpitante de todas as curiosidades e de todas as perversidades, dos costumes, das bellezas, das fealdades, dos vicios e das glorias de todos os paizes e raças, que aqui se chocam e acotevellam na mais pittoresca miscellanea, como numa collossal exposição dos especimens mais definitivos da Humanidade rica da Europa, das duas Americas, e mesmo da Asia mais genuinamente amarella ou da Africa mais retintamente negra.

Outro dia vi eu, no rapido intervallo de meia hora, passar de carro, na *Promenade dos Anglais*, a imperatriz da Russia, princeza Hohenloe, o principe e a princeza de Bourbon-Bragança, a Louse Mausini e a Arlette d'Orgere, duas das *theatreuses* mais famosas, Willy e Donnay, dois dos escriptores egualmente mais celebres, Wauderbilt e o barão de Rotschild, dois dos millionarios mais invejados, Pollin e Mayol, dois dos cançonetistas mais applaudidos, e, representando as duas raças menos brancas, Tchi-Fung-Li, mandarim do Celeste Imperio, e Legitimus, o deputado preto de Guadelupe.

E todos sem mascaras, authenticos, vivos, inteiros, como só póde offerece-los reunidos esta capital da Alegria que se chama Nice.

* * *

Poucas cidades ha tão animadas pelos estrangeiros—mas sobretudo pelos proprios habitantes.

O que faz realmente o incomparavel brilho das festas de Nice —é o povo de Nice.

O antigo povo romano pedia, aos gritos, diante do Palatino e do Capitolio, *pão e circo*. O de hoje, nos comicios socialistas, grita pelo *dia de trabalho de oito horas* e *Abaixo a roupeta!* O napolitano, nativamente indolente, contenta-se com o sol e Macaroni. O inglez, com gim e um chapeu alto. O allemão, com cerveja e uma continencia militar. O hespanhol, que herdou dos antigos dominadores a alma violenta, sanguinaria, grita por *mas cavallos* nas touradas. O portuguez, humildemente, implora apenas, pelo amor de Nosso Senhor, pão — sem se importar com o circo, como o antigo romano. O de França, mais epicurista, contenta-se com que lhe dêm canções. E este de Nice, mais alegremente provençal, com as suas festas do Carnaval e da Mi-carême — que ao mesmo tempo lhe dão o pão e o prazer.

E' nestas festas caracteristicas que elle manifesta mais livremente a sua exhuberancia meridional com uma sinceridade no bom humor que não tem realmente egual em outra terra, a não ser em Napoles, onde a animação é mais sonora ainda mas não tão esperta.

Toda a alegria de viver, todo o ardor instintivo d'esta Provença vibrante de sol e de cigarras, d'esta terra do *mistral* e do *oyoli*, d'esta raça mais infantil que a do resto da França, loquaz, sensual, gesticulante, tão naturalmente expansiva, apaixonada por tudo o que brilha e que resoa, exaggerada, comica, picaresca, mimando as menores phrases, acompanhando as maiores frivolidades d'uma prodigalidade allucinante de movimentos e de esgares, gastando na conversa mais trivial therouros de *blague* e de *bayou*, de verbe endiabrada e phantasista; toda a impetuosa exhuberancia do Meio-Dia, a custo refreada durante o resto do anno, se expande então livre, alacre, fulgurante, chispante como uma lava sonora, numa maré tumultuaria que faz de Nice, verdadeiramente, uma cidade de bébés grandes, atacados do *delirium-tremens* do riso, da epilepsia da dansa, da histeria da hilaridade.

E eis ahi o que faz na França o principal privilegio d'estas festas da rua. Nos outros paizes incluindo Portugal, poderiam esbanjar-se sommas incontaveis que o Carnaval e a Mi-Carême seriam bem no fundo sob a sua apparencia brilhante, impenitentemente melancolicos.

E' que, emquanto nós, a quem elles chamam num verso famoso e idiota, por causa d'uma banal rima, *les portugais... toujours gais*, eternamente cantamos o *fado*, mesmo quando mais parecemos divertir-nos os francezes mesmo quando deveriam parecer mais tristes, cantam a ultima *cançoneta*.

Mas se são meridionaes, não se limitam a cantal-a: mimam-n'a, gesticulam-n'a, gritam-n'a—e dançam-n'a.

Na praça Massena, outro dia, no meio da multidão que esperava o cortejo da Mi-Carême, uma costureirita, para matar o tempo ou para distrair a impaciencia, começou a trautear, ao meu lado, a ultima creação de Mayol: *Lison, mon petit rat!*

Outra, ao pé, acompanhou-a; depois as outras pessoas mais proximas. E propagando-se rapidamente, contagiosamente, como um rastilho de alegria, dentro em pouco, milhares de boccas cantavam em côro:

Lison, mon petit rat,
Dis-moi ce que tu vomaras,
Dis-moi des folies,
des polissoneries...

Numa collossal farandola, milhares de braços, de pernas electrisadas acompanhavam, gesticulando e ballando, o rithmo do canto com tão enthusiastico ardor, com uma *furia* tão franceza — como se em vez de ser o *Lison, mon petit rat*, fosse a *Marselheza*, numa vertigem patriotica...

E arrastado de repente no turbilhão da farandola, entre duas *pierretes* escarlates e guisalhantes, parecia-me, ao contagio d'aquella crise collectiva de folia allucinante, que um Mephisto ironico me trocára magicamente a minha propria alma taciturna e rabujenta de luziada fatalista, por uma outra alegre, pueril, estouvada e frivola, mas deliciosamente luminosa e ligeira.

Quando soou o signal para cessarem os festejos d'aquelle dia, comprehendi a saudade amarga que o doutor Fausto devia ter sentido ao perder a sua alegria ephemera de moço— para reentrar desoladamente na sua velha pelle de philosopho...

Ah! o riso, a dança e o canto são afinal os meios mais simples e ao mesmo tempo mais seguros para descobrir o misterio da alma de um povo, melhor que os da Etnographia que é de todas as sciencias a mais complexa — exactamente por ser a mais relativa.

Justino de Montalvão.

Verdades que... parecem mentiras

O sangue-frio d'um aviador

Um jornal parisiense insere um despacho do seu corresponte de Nova-York, referindo que o sr. Brookins — um aviador que ha pouco ali se tornára celebre, por concorrer a successivos «récords» de altura — fez no dia 8 do corrente um vôo em Atlantic City, que lhe poz a vida em risco.

O sr. Brookins estando á enormissima altura de 1852 metros, viu, de repente, o motor parar. Recorrendo ao reservatorio da gazolina, verificou com espanto, que estava vazio. O aeroplano começou, ao mesmo tempo, a descer, quasi verticalmente e com extraordinaria rapidez.

O aviador não perdeu, porém, o sangue-frio em presença do gravissimo perigo que corria e depois de uma descida quasi vertiginosa de 300 metros, conseguiu manobrar de fórma que o biplano, á altura de 1.500 metros, pouco mais ou menos, pôde pairar no espaço e descer relativamente de vagar.

Minutos depois o sr. Brookins apeava-se na praia, são e salvo, do biplano, no meio de geraes e enthusiasticas acclamações dos espectadores.

Segundo a opinião de todos os aviadores que assistiram áquella emocionante scena, se o apparelho, em vez de ser um biplano, fosse um monoplano, não haveria meio de evitar um desastre mortal.

Os chapeus das senhoras

Medida de interesse publico

Não se assustem as nossas gentis leitoras com a sub-epigraphe que damos a esta noticias, porque a medida de que se trata não diminue nem augmenta o tamanho dos chapeus que v.as ex.as usam. A medida de que se trata é outra — não muito agradavel, é certo, mas completamente alheia ao volu-

me das *basilicas* que v.as ex.as ostentam.

O caso é este:

Um austero deputado inglez, que os jornaes dizem chamar-se Burkland, manifestou, ha dias, no Parlamento, a esperança de que na actual legislatura se approve uma proposta que fez para que as senhoras não possam d'ora ávante usar plumas nos chapeus.

Ultimamente, num congresso ornitologico internacional, resolveu-se pedir a todos os governos europeus para prohibir a caça de passaros, cujas plumas possam servir de adorno para os chapeus das senhoras, visto que as raças d'esses passaros desapparecerão em breve, se não se puzer côbro a tal abuso.

O referido sr. Burkland pretende que sejam applicadas fortes multas a todas a senhoras que usem plumas nos chapeus!

Um monstro—o tal sr. Burkland!... Não é?...

O cortejo engraçadissimo

Os jornaes estrangeiros trazem pormenores do cortejo das suffragistas inglezas. A coisa, effectivamente, foi d'um pittoresco unico. A enorme procissão que se estendia n'um comprimento de 3 kilometros, era composta de actrizes, caixeiras, professoras, enfermeiras, etc., quasi todas vestidas de branco e com flores vermelhas, amarellas e brancas nos peitos patrioticos...

Cerca de 500 damas que fôram condemnadas a prisão pela sua ardente propaganda feminista, arvoravam varas de prata com as insignias das cadeias do Estado! Num carro triumphal, tirado por duas parelhas de cavallos brancos, e escoltado por um grupo de raparigas, erguia-se uma feminista vestindo o uniforme das prisões... Ia magnifica de arreganho magestoso e corajosamente se aguentou, de pé, durante o longo percurso, sorrindo á multidão que a acclamava.

No cortejo iam quarenta phylarmonicas, e 700 bandeiras fluctuavam ao vento, hasteadas por garbosas mulheres vestidas de branco, com largos chapeus adornados de rosas, cravos e acacias. De quando em quando o cortejo parava, e as oradoras da «União feminista» proferiam um discurso curto mas arrebatador.

Em Albert Hall realisou-se o comicio. As phylarmonicas tocaram a «Marselheza», e a cidadã presidente, num discurso enternecedor, declarou aberta a sessão. Fallaram com eloquencia e energia. A' porta a multidão era enorme, e as piadas cruzavam-se no ar, galhofeiras e picantes.

Trechos selectos

ORATORIA E ORADORES

. . . . . .

Conhecem por experiencia todos aquelles que alguma vez fallaram em publico, essa sensação que já se tornou objecto de um curioso estudo do professor italiano Mosso e a que este deu o nome de—*medo dos oradores*. Essa sensação accommette os professores, os conferentes e os proprios oradores os mais experimentados. Mirabeau reconhece que nunca a pudera dominar completamente. Em alguns individuos provoca espasmos na garganta e a voz falta-lhes. Em outros, causa todo o genero de perturbações, vertigens, tonturas, ennublamentos.

Como exercitar nestas condições a funcção do pensamento?

O homem que perde a confiança no poder da sua intelligencia—e esta é a situação dos que discursam sob a oppressão do medo—torna-se incapaz de a fazer entrar em acção com segurança e clareza. Por muito ligeiro que seja o peso d'essa oppressão, a sua intelligencia está paralysada e só executa movimentos penosos. D'ahi a gaguez, o balbuciamento, a incorrecção plastica, a total ausencia de expressão de certos oradores. D'ahi, em outros, essa fórma da loquacidade a que chamamos—rhetorica.

A rhetorica é o apparato verbal substituindo-se á concepção que vem tardiamente ou não vem.

A preoccupação dos oradores é mostrar destreza. O que elles, em geral, mais receiam não é errar, mas hesitar. A ideia de que poderão revelar-se incertos, apavora-os. A ideia de que poderão emperrar cobre-os de suores frios. Que importa que os seus pensamentos não sigam o curso logico do raciocinio? Que importa mesmo que lhes escapem e elles os percam de vista?—O que é preciso é que o publico que os ouve tenha a impressão de que esses pensamentos lhes accodem com promptidão e encontram nos seus labios a formula immediata e feliz.

Para produzir essa impressão, os individuos não dotados do privilegio raro da palavra, soccorrem-se dos artificios da rhetorica, precipitam-se na incontinencia verbal, caem na banalidade dos logares communs e na ignominia das phrases feitas, e são então essas vozes alteradas que tantas vezes ouvimos em tão numerosas tribunas, procurando em vão communicar-nos a sua falsa convicção, o seu falso enthusiasmo, o seu falso calor.

Certo, a rhetorica é grata ás turbas, a quem muitas vezes ella arrebata pelo ruido das suas vãs palavras, como uma fanfarra, passando em uma rua a tocar, leva atraz de si toda a gente; mas é preciso pensar que, entre a turba, dissimulado e quieto, ha sempre um homem de espirito que se enfastia e que, se a multidão applaude, o homem de espirito julga e julga ferozmente.—Sempre que me tem sido preciso fallar em publico, o que eu cuidadosamente evito, é nesse homem que penso e é a elle que temo.

. . . . . .

JOÃO CHAGAS.

NOTICIARIO

Fallecimentos—O nosso presado correspondente em Sacavem surprehendeu-nos com a dolorosa noticia do fallecimento da menina Clementina Marques da Silva, filha do nosso amigo e conterraneo sr. Lourenço Marques da Silva, a quem enviamos sentidos pesames.

—Aos nossos presados amigos e dignos proprietarios do Collegio de N. S. da Victoria, do Porto, srs. P.e Antonio Gomes da Silva e Joaquim d'Almeida e Silva enviamos as nossas mais sinceras condolencias pelo fallecimento da sua irmã, a sr.a D. Rosinda Augusta Gomes Diniz.

Dr. Orlando Rego—No julgamento do semanario republicano *Independencia d'Agueda*, que teve logar no dia 13, interveio como advogado de accusação o nosso presado amigo e conterraneo sr. dr. Orlando de Mello do Rego que, ha um anno, concluiu a sua formatura em direito, com a classificação de distincto. Muito desejo tinhamos de ir ouvi-lo, mas circumstancias contrarias á nossa vontade impediram-nos de o fazer. Informam-nos, no emtanto, de que confirmou plenamente a excellente reputação que alcançou na Universidade, e, por isso, o abraçamos muito cordealmente, enviando-lhe os nossos mais affectuosos cumprimentos.

Exames—Ficou approvado, com uma bella classificação, no 1.º anno de desenho da Escola Industrial «Infante D. Henrique», do Porto, o nosso presado amigo e conterraneo sr. João Clemente Rodrigues, residente naquella cidade, onde está a fazer a sua aprendizagem para ourives, aproveitando as horas vagas para se instruir e educar-se.

Abraçamo-lo muito affectuosamente e enviamos-lhe as nossas mais cordeaes felicitações.

—Fez exame do 1.º grau, obtendo a classificação de *optimo*, o menino Joaquim Lopes, filho do nosso presado amigo e considerado commerciante no Porto, sr. Pedro Pereira Lopes a quem enviamos muitos parabens.

Formatura—Concluiu a sua formatura em direito o nosso presado amigo sr. José Nogueira Lemos, natural de Alquerubim e filho do distincto clinico sr. dr. José Pereira Lemos.

Ao novo bacharel, que durante o seu curso revelou excellentes faculdades de intelligencia e trabalho, enviamos muitos parabens, com o desejo sincero de que seja muito feliz na vida pratica.

Informação local—Não ignoram a maior parte dos nossos presados assignantes que este jornal é redigido e impresso no Porto. D'esta maneira, nem sempre a informação local é tão completa quanto seria para desejar e esta falta tem-se feito sentir mais ultimamente por motivos que procuraremos evitar. Esperamos que os nossos obsequiosos assignantes nos desculpem.

Nova residencia—Vae mudar de Sacavem para Outeiro da Cabeça o nosso presado conterraneo sr. João Simões Ferreira, digno empregado dos caminhos de ferro.

Desastre—Em Lisboa o professor de esgrima Antonio Martins assaltava á espada em estudo com o tenente Alves Pereira. A espada d'aquelle quebrou-se, indo o resto da lamina cravar-se no peito do referido official, produzindo-lhe um ferimento de dois centimetros de profundidade.

Toureiro de quatro braços—Na praça de touros de La Tortosa (Barcelona) apresentou-se, ultimamente, um toureiro com quatro braços, mettendo com todos bandarilhas e passando de muleta. E' natural do Mexico.

Credito Predial—As fianças arbitradas aos implicados do Credito Predial são as seguintes: 230 contos a Quintella; 190 a José Bello; e 120 a Talone. Do primeiro fôram fiadores os srs. José Velloso Salgado e Gregorio Victor Gama; do segundo, os srs. Visconde da Palma d'Almeida e Joaquim Gomes Belford; e do terceiro, os srs. Christiano Teixeira da Silva, Carlos Gomes Vianna e João da Costa Carvalho Talone.

Em Macau—Sobre os incidentes que se deram em Macau e a que noutro logar nos referimos, recebeu o governo portuguez, no dia 15, o seguinte telegramma:

«Os piratas abandonaram todas as posições levando quantos generos alimenticios encontraram.

Consta que a quadrilha está em numero superior a 370 em casernas, onde tem deposito de viveres.

O effectivo com que ficamos em Colowane é pequeno para garantir a communicação com o mar e cercar as casernas.

Vou pedir reforços á estação naval, por ser indiscutivel o exito completo.

Toda a imprensa de Hong-Kong e Canton e o governo chinez ligam grande importancia ao assumpto, attento o nosso procedimento.

Nas aguas visinhas de Colo-

OS DOIS PESCADORES
DE LEÇA DA PALMEIRA

I

E' preciso ver Leça da Palmeira, ao cahir da tarde, quando o sol beija saudoso a costa, depois de se despedir do rio, e as mulheres dos pescadores, concertando as redes na praia, entoam as canções da noite!

Toda a gente vos dirá que é no tempo dos banhos, quando uma grande parte da sociedade do Porto para ali vae habitar, e consegue dar á villa o bulicio, a vida, a elegancia, —toda a gente vos dirá que é nesse tempo que deveis vér Leça.—Eu, não.

Nem o meu conto ia entender-se com a sua acção simples e vaga, se eu não vos dissesse já que tudo isto que vae ler-se, se passou em principios de junho, mez em que a sociedade já não dança nas cidades, mas em que a natureza é a, elegante!...

Não é uma coisa facil, por fim de tudo, descrever Leça e[m] toda a sua feição melancolica e maritima. Não se sabe bem, ao vêl-a, se é uma rica villa, se uma pobre aldeia. Por entre choupanas humildes, erguem-se predios magnificos. Dir-se-ia o sorriso do luxo a insultar as lagrimas da miseria, se a melhor poesia d'este logarejo não consistisse exactamente n'este singular contraste, cuja explicação fórma o seu louvor.

Eis o segredo:

Leça é uma terra de pescadores: cada um dos barqueiros da costa tem ali a sua cabana, onde procura no seio da familia o esquecimento das luctas do mar e a serena alegria do amor domestico. A's vezes, estes pescadores cançados dos perigos no levados pela ambição, embarcam como marinheiros, a bordo de algum brigue, e vão ao Brazil procurar fortuna. Mas, antes de partirem, cada um d'elles ajoelhando diante da capella do Senhor dos Afflictos,—que fica situada na praia, olhando o mar,—dirige a Deus a promessa de no caso de voltar rico da terra para onde parte pobre, edificar um opulento predio no sitio em que deixa a sua cabana.

A crença popular conserva e augmenta de dia para dia a fé consagrada a esta capellinha, que as ondas banham quando o mar vae alto. Foi junto d'ella que se encontrou o braço do Senhor de Mattosinhos. Porque se lhe chama Senhor de Mattosinhos, é que eu ignoro: a chronica,—que não é pequena aliás, e fórma um grande volume de quatrocentas paginas in-4.º, de que o unico exemplar que resta se mostra por curiosidade a quem visita a egreja—denomina-o Bom Jesus de Bouças.

Como é a historia do braço do Bom Jesus de Bouças, ou Senhor de Mattosinhos, ou mesmo Senhor dos Afflictos, como se vê da historia que ao principio lhe chamavam? Oh! Uma simples tradicção, uma lenda toda infantil; meio graciosa, meio ingenua; galante quasi: nem muito séria nem irrisoria: levemente phantastica; coisa entretida de ouvir; que não dá nem tira ás coisas d'este mundo; e que, em todo o caso, quem não quizer estar sério póde dispensar-se de lêr!

O Senhor de Bouças perdera um braço. Elle estava na sua egreja, bem agasalhado; bem servido, bem festejado,—mas, pobre Bom Jesus, faltava-lhe o seu braço: um dos seus braços: se era o direito ou esquerdo é o que eu fiz mal em não indagar, mas a verdade fiel é que os meus apontamentos nada me dizem sobre isso.

Tinha a gente dos arredores magoa vehemente que tão bom senhor assim se visse privado da satisfação de ser completo. As velhas do sitio,—e se ha sitio em que tenha havido velhas era Leça da Palmeira!—resavam em cada noite orações expressas para que um milagre do mesmo Senhor lhe deparasse o braço que perdera.

—Vejam! Vejam! exclamava a velha Brazia, a quem por ali chamavam a coruja do pinhal:—Vejam o que é o poder divino, que tem mais á mão o braço de cada um do que o seu proprio! Perdera eu o meu, e veriam se o Bom Jesus de Bouças m'o tornava logo a pôr, ou não!

—O Bom Jesus de Bouças não perdeu o seu braço—redarguiu a velha Paula, conhecida ali pela *nortada*: foram os phariseus que lh'o tiraram, para o deitarem ao rio!

—Se elle estivesse no rio via-se!

wane estão 9 canhoneiras chinezas.

O commandante das forças chinezas veio a bordo da canhoneira portugueza reiterar o agradecimento, encarecendo os serviços prestados á China. Depois visitou as creanças libertadas, reconhecendo 7 como sendo roubadas á Escola Fan-Nemg.—(a) *Governador.*»

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Estiveram, ultimamente, no Porto, os nossos presados amigos srs. drs. Eduardo de Moura e Diniz Severo Correia de Carvalho e Manuel Maria Amador.

Partidas e chegadas

Vindo de Coimbra, chegou a S. João de Loure o nosso amigo sr. Joaquim de Vasconcellos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 13

Esteve exposto ao publico, no dia 10, a cooperativa «Padaria livre», na rua Correia Telles, da iniciativa dos srs. João Ferreira, presidente, Antonio Pereira Bastos, secretario, José Maria Bandeira, thesoureiro, e dos socios Bernardino Antonio da Silva, Manuel Garcia Moura, Antonio Castanheira Saldanha, José da Silva Cordeiro, Manuel Marques dos Santos, João Baptista de Barros, Francisco da Costa, Luiz dos Santos Quaresma, e Casimiro Marques.

Mais de mil pessoas visitaram o bello edificio onde, durante todo o dia, tocou uma philarmonica. Todas ficaram bellamente impressionadas com as installações, feitas em harmonia com os preceitos da hygiene.

E' digno dos maiores elogios o meu amigo sr. João Ferreira, que tem sido incançavel. Desejo para a sua empreza as maiores prosperidades.

Avante, rapazes, que o trabalho tudo vence!

—Tem passado bastante incommodado de saude o meu presado amigo sr. Bernardino Antonio da Silva, um dos socios da cooperativa «Padaria livre», a que acima me refiro.

Faço votos pelas suas rapidas melhoras.

—Ha dias, o elevador da Bica atropellou uma pobre cega que ia pela mão d'um rapazito e que foi atirada a grande distancia, ficando com as pernas partidas.

Attribue-se o desastre ao facto do travão não funccionar bem. O guarda-freio foi preso.

—Respondeu, ha dias, no tribunal da Boa-Hora, um moço da carvoaria da rua das Flores, accusado de attentar contra o pudor d'uma menor de 10 annos. Foi condemnado em 1 anno de prisão correccional.

Melicias.

—=—

Azurva, 14

Realisou-se no dia 7, o enlance matrimonial da menina Maria Figueiras, filha do nosso amigo Manuel Figueiras, com um excellente rapaz do logar do Valle Diogo (Oliveirinha).

Enviamos aos noivos os nossos mais cordeaes parabens, desejando-lhes uma vida cheia de venturas.

—Ao digno professor da Borralha (Agueda), sr. Joaquim de Mattos Alla, envio muitos parabens pelo bello resultado que os seus alumnos obtiveram no exame do 1.º grau.

—Igualmente felicito o digno professor da Escola Central d'Aveiro e meu presado amigo sr. José Marques Queiroz que habilitou para o mesmo exame 33 alumnos, ficando todos approvados com uma excellente classificação.—C.

—=—

Sacavem, 11

Falleceu hontem, nesta localidade, a menina Clementina Marques da Silva, filha do sr. Lourenço Marques da Silva e da sr.ª D. Margarida Lourenço, aqui residentes, mas naturaes d'Eixo.

A extincta, que contava apenas 17 annos, succumbiu aos estragos d'uma febre typhoide. A sua morte causou profundissima impressão nas pessoas que a conheciam, pois pelas suas bellas qualidades de espirito e de coração merecia a sympathia e a estima de todos que com ella tratavam.

O seu funeral foi muito concorrido, vendo-se sobre o feretro muitos ramos de flores offerecidos pelas suas numerosas amigas, que quizeram prestar lhe a homenagem da sua affectuosa amizade, acompanhando-a até á ultima morada.

Os paes da desditosa Clementina estão muito gratos a todas as pessoas que os visitaram, procurando consola-los n'este doloroso transe da sua vida. Pedem-nos para, em seu nome, protestar a todos o maior reconhecimento.—C.

—=—

Arrancada, 14

Eu andava já ha tempos em cogitações varias para arranjar assumpto para uma correspondenciasita para o nosso querido *Correio do Vouga* e não era possivel achar.

Mas emfim, tanto esperei que sempre encontrei um dia cheio de endiabradas peripecias — o que não é para desprezar no meio deste semsaborico viver d'aldeia.

Ora vamos lá então ao que interessa:

O partido republicano veiu, pela primeira vez, a essa localidade, no dia 10, fazer uma conferencia eleitoral, onde fallou o dr. Malva do Valle e outros.

Os eleiçoeiros-móres cá da freguezia — que suppõem que *isto ainda lhes pertence exclusivamente,* mandaram logo reunir todas as suas forças para impedir que a conferencia republicana fosse levada a effeito. Para animar as hostes aguerridas tinham uma pipa de vinho ao dispôr desses ignorantes camponeos que o bebiam por grandes tigelas de barro vermelho até lhe chegar com o dêdo, como se costuma dizer.

Esquentadas as cabeças com os vapores alcoolicos, já se sabe pelo que se podia esperar — zaragata medonha, nem para outra coisa os tinham convidado.

Depois, reunidos os republicanos para a conferencia, ahi se organisa o cortejo guerreiro que, levando á frente um dos seus chefes eleiçoeiros a zurzir com toda a furia um tambor, acompanhado de cornetas, caixas, pifaros etc., percorreu a rua numa attitude provocadora e infernal.

Esteve imminente um gravissimo conflicto que só se poude evitar pela admiravel linha de conducta que os republicanos souberam manter. Se assim não tivera sido é mais que certo que tinhamos que registar mortos e feridos. E a quem cabia a responsabilidade? Era unicamente aos caciques locaes que certamente nem conhecem nem sabem respeitar as leis da nação.

Tudo o que aqui se passou nesse dia foi simplesmente vergonhoso e deprimente. E não me alongo mais no assumpto, porque o pormenorisa-lo é nojento e gastaria muitos linguados.

—Falleceu no dia 11 a sr.ª D. Rosinda Augusta Silva Bastos, extremosa mãe do nosso amigo sr. Eduardo da Silva Bastos, distincto quintanista da Escola Medica do Porto.

A finada era tambem irmã dos srs. Padre Antonio Gomes da Silva e Joaquim Gomes d'Almeida e Silva, distinctos directores do Collegio de Nossa Senhora da Victoria, Porto, a quem enviamos sentidas condolencias.

—Tambem falleceu em Aguieira, afogada, a sr.ª Engracia dos Santos, dilecta sobrinha do arcypreste, sr. José Gomes dos Santos.—C.

Leituras amenas

Partida engraçada

Vinha Olligario Pimentinha de volta das hortas, pela estrada da da circumvalação, quando lhe embarga o passo um individuo com cara de gatuno consummado. Apontando-lhe duas pistolas, o malandrim proferiu a phrase sacramental:

—A bolsa ou a vida!

—Esta só pelos diabos! pensou Ollegario com os seus botões. Eu trago a minha bengala de estoque, mas de que serve um estoque contra duas pistolas!

—E' aviar! berrou o gatuno, ou metto-lhe já duas ameixas na cabeça.

Então Ollegario, puxando da carteira, disse ao gatuno:

—Aqui tem, meu caro amigo. Mas deixe-me prevenil-o de que este dinheiro não é meu; é de meu patrão, o qual não acreditará que m'o tenham roubado, se eu não apresentar provas irrecusaveis do facto. Afim de eu poder provar que fui atacado, peço-lhe que me dê um tiro de pistola aqui na aba do casaco...

O gatuno, rindo a bom rir da engenhosa ideia de Ollegario, fez-lhe a vontade dando-lhe o tiro pedido que lhe furou de lado a lado a aba do casaco, deixando-lh'a, além d'isso visivelmente chamuscada.

— Bom exclamou Ollegario; agora para mostrar que eu resisti até á ultima, dê-me outro tiro na aba direita...

—Prompto! exclamou o gatuno desfechando o segundo tiro e commentando em grande risota:

—Você deve confessar que ainda é mais fino do que eu! não perde nem cinco réis, visto que o dinheiro é do patrão; e ainda por cima vae fazer figura de valentão que soube resistir até á ultima! Que grande pandego que você me sahiu!

— Já agora, continuou Ollegario, tirando o chapeu da cabeça e apresentando-o ao salteador, já agora dê-me tambem um tiro no chapeu.

—Isso é que não póde ser, volve o gatuno, porque não tenho mais nenhuma pistola carregada.

—Então ao menos uma facada, insistiu Ollegario.

—Tambem não póde ser, porque não trago navalha.

Ollegario desembainhando o estoque da bengala:

—Bella cousa! Visto o amigo ter as pistolas descarregadas e não trazer navalha comsigo, passe para cá não só o meu dinheiro, como tudo o mais que tenha roubado e que traga ahi nas algibeiras...

Argucia infantil

Lulú, um pequenote de sete annos, levantava-se sempre tarde e só a muito custo o faziam sahir da cama. Seu pae reprehendeu-o nestes termos:

— «Um homem para ter alguma cousa neste mundo precisa ser trabalhador. Deves lembrar-te d'aquella historia que conta o teu livro dum homem que levantando-se ao romper do dia, quando ia para o seu trabalho encontrou no caminho uma bolsa cheia de libras.

—E' exactamente por causa disso que eu não gosto de me levantar cedo, atalhou o pequeno: o que perdeu a bolsa decerto se levantou ainda mais cedo do que o que a achou.

Heroismo

A um heroe que voltava duma campanha perguntaram qual fôra a sua maior proeza.

—Cortei as pernas a um inimigo, respondeu o «bravo» com orgulho.

—E porque não lhe cortou antes a cabeça?

—Não cheguei a tempo; já lh'a tinham cortado.

Um dito de Napoleão

Um official prussiano, no intuito de deprimir os soldados francezes, disse a Napoleão Bonaparte, então ainda um obscuro official de artilharia:

—Não póde comparar-se o valor dos soldados francezes com o dos soldados prussianos: os primeiros batem-se por dinheiro, ao passo que os prussianos batem-se sempre pela gloria.

—Tem razão, responde o futuro imperador: tanto uns como os outros se batem para adquirir o que lhes falta.

O depoimento dum macaco

Em Lewals Landrivy deu se um caso singular. No mez de julho passado foram presos dois artistas, Christophe e Mannie Starr, sob a accusação de terem assassinado o proprietario do circo onde trabalhavam, um tal sr. James Ackermann, que morreu quando dava de comer a um macaco do Himalaya, com o nome de Scamp.

As suspeitas que recahiam sobre os esposos Star, accentuaram-se muito por este facto: Scamp sempre que via os accusados, encolerisava-se terrivelmente e batia contra as grades da jaula.

Nos detalhes do processo, o macaco, unica testemunha do crime, deu entrada na sala de audiencias. Apenas avistou os reus, mostrou-se novamente cheio de terror. O aspecto do macaco, a tremer, produziu nos espectadores da scena uma viva impressão.

Apesar de todas as negativas que fizeram, os esposos Starr foram condemnados como auctores do crime.

Filaucia de um avaro

Certo sujeito, grande jogador mas muito avaro, exclamou um dia, depois de haver perdido boa quantia:

—Ao menos perdi sem proferir uma unica palavra.

—E' porque as grandes dores são mudas, lhe respondeu uma senhora.

Diverso modo de usar luto

Na Syria usa-se o lucto azul celeste.

No Egypto, côr de folha secca ou amarello.

Na Ethiopia, branco ou cinzento.

Em muitas regiões da India encarnado muito vivo.

Na China azul muito escuro.

Na Europa, America, Japão, etc., preto.

Qual é a causa da desconformidade nas côres?

Cada paiz julga ter justas razões em appoio da sua ideia e para proceder por essa fórma.

O luto de côr azul celeste revela o logar ou sitio que se deseja para os mortos.

A folha secca representa o fim da vida porque as plantas quando murcham ou seccam tornam-se amarelladas.

O cinzento representa a côr da terra em que se convertem os cadavares.

O branco indica a pureza da vida do defuncto.

O encarnado recorda o fogo em que o morto consumia a sua existencia.

O azul escuro indica a côr do quarto ceu para onde se julga que vão os eleitos.

Por ultimo, o preto, manifesta a privação da luz e da vida.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

—O rio levou-o para o mar!

—Se estivesse no mar, havia calma!

—Que te Deus livre! Elle tem na mão a tormenta! Um furacão rompia; a vaga espumava na costa; as gaivotas adejavam, e fugiam.

—T'arrenego! T'arrenego! Ai! os malditos dos phariseus! Não ouves o vento? Não ouves o mar? E' a vingança! E' o castigo! E' a morte! O braço do Senhor de Bouças revolve as ondas!...

Muito tempo decorreu d'esta fórma, entre terrores e sustos. O braço do Senhor de Bouças era a preoccupação constante da gente devota de Leça da Palmeira. Onde estaria elle? Que seria feito d'elle! Havel-o-iam roubado, escondido, aniquillado? Singular destino!

Uma occasião, um padeiro do sitio despediu um dos moços, por lhe haver faltado ao respeito. A contenda nascera simplesmente de que o rapaz se lhe queixava de estar endemoninhado o forno.

— Oh! rapaz excommungado! gritava o padeiro fulo de colera. Endemoninhado o meu forno! — o meu forno que faz o melhor pão de Deus, que ha por estes sitios, a cem leguas em redor!

—Endemoninhado! E' digo! E repito! Todo eu me sinto queimado pelas lavaredas do maldito, que repelle um tronco da lenha que se lhe deita!

—Repelle agora um tronco! Já se viu alarve assim?

—Tão certo seja, que Deus me allumie em quanto eu quizer viver!...

Despedido o moço, outro o substituiu. Ao terceiro dia, porém, o pobre rapaz estava tambem todo queimado e despedia-se cheio de terror do forno maldito.

—Oh praga de moleiros! exclamava o padeiro na maior consternação; que descredito! Que abandono eminente para a minha fabrica! Vejam se é possivel, como estes marotos inculcam, que o forno ouse repellir a lenha que se lhe deita! Eu proprio, voto a Christo!— vou mostrar aos visinhos, para que me sirvam de testemunhas, o embuste destes dragões, que querem desacreditar-me! Acerquem-se os meus moços! Chegue-se a minha familia! Reclamo a visinhança! Peço o concurso dos imparciaes! Eh! rapazes! (a uns barqueiros que iam passando). Venham cá tambem, se teem amor á verdade! Entre na minha casa a gente de boa lingua. Ao forno!... Ao forno!...

E o padeiro, cercado de uma multidão immensa, caminhou resoluto ao forno, e lhe atirou pela terceira vez o tronco, que no dizer dos moços, já o fogo duas vezes repellira. Então o assombro foi geral, e a vozearia nos circumstantes subiu aos ares em gritos de medo: por entre a lenha, que o fogo acceitava, as chamas repelliram o tronco, que veio bater sobre a multidão! O povo fugiu horrorisado, e o padeiro cahiu de cama, tão doente ficou de susto. A auctoridade e o cura da parochia visitaram n'esse mesmo dia o estabelecimento, que, parecendo mal agourado, tinha de ser o logar glorioso d'onde sahisse o primeiro grito do mais festivo jubilo de Leça da Palmeira: — o parocho reconheceu com ineffavel alegria, que o tronco, que o fogo regeitava, era o braço do Bom Jesus de Bouças!...

Convocada uma romaria, foram os devotos á egreja de Mattosinhos entregar ao Senhor o seu recemchegado braço, e, como elle lhe ajustasse *á propria*, offereceram-selhe muitos grilhões de oiro, muitas argolas de filigrana, tudo ao som de foguetes, de vivas, de orações e de soluços das beatas, promettendo-se logo edificar uma capella no sitio do abençoado forno, celebrar todos os annos a gloriosa e productiva romaria do Senhor de Mattosinhos, Senhor de Bouças, Senhor dos Afflictos ou Senhor do Braço, como lhe chamava a gente rustica dos arredores.

Hoje ainda,—ainda e sempre!— a crença popular conserva na veneração mais sincera o culto pela tradição. Os pescadores de Leça, nas tormentosas noites do inverno, quando o mar açoita a costa, o vento geme nas ondas, e a catraia perde o leme, não tem senão uma prece e um voto para elevar a Deus:

—Piedade, Senhor! Pelo vosso bemdito braço!

. . . . . .

(*Continúa*).

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

— DAS —

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. **BROCHADO 60 REIS.**

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR .. A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR.. A RIR.., seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil—anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . 10 reis
Communicados, cada linha. . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 30

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.